



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

HOMILIA 19 DE JULHO DE 2024

A EUCARISTIA, MISTÉRIO DE COMUNHÃO

Bispo de Valência Enrique Benavent Vidal

Na dinâmica do nosso encontro, reunimo-nos à volta da Mesa da Palavra e da Eucaristia para viver o momento central do nosso dia. O tema da reflexão desta manhã foi "A Sinodalidade: um caminho de comunhão". O Concílio Vaticano II recordou-nos que a Igreja é, na sua identidade mais profunda, um mistério de comunhão; que a sua missão é ser instrumento para que a família humana se torne a família dos filhos de Deus; que existe para realizar a unidade da humanidade com Deus e dos homens entre si. Se a missão da Igreja é a realização da comunhão, é chamada a realizar este ideal em si mesma, na sua vida interior quotidiana. Se não vive como uma família de filhos de Deus; se não é, nas palavras de Santo Agostinho, «um mundo reconciliado», não está a cumprir a sua missão.

Num mundo e também numa Igreja em que muitas vezes as ideologias condicionam demasiado a convivência entre as pessoas e, inclusivamente, a interpretação e a vivência da fé, porque se tornam absolutas, a sinodalidade chama-nos a viver na Igreja de um modo novo, para que se torne aquilo que Deus quer que ela seja: um instrumento de comunhão e um sinal de unidade. Viver sinodalmente na Igreja não é fácil. Exige superar três tentações:

a. A tentação da "autorreferencialidade". Nenhum de nós é o centro da Igreja, nem a Igreja vive para si mesma. Esta tentação é superada colocando Deus e a sua Palavra no centro da vida da Igreja. Viver sinodalmente não é saber escutarmo-nos a nós mesmos e partilhar ideias opinativas para que cada um de nós acabe por ficar com a sua maneira de pensar. A sinodalidade exige que nos ponhamos juntos à escuta da Palavra de Deus, que descubramos, ensinados pelo Espírito Santo, os caminhos que somos chamados a percorrer no momento presente para anunciar o Evangelho. Viver a sinodalidade é colocar Jesus no centro da vida da Igreja; é sentirmo-nos discípulos de um mesmo mestre; é deixar que seja Ele quem molda a vida das nossas comunidades.

b. Para viver a sinodalidade, é necessária a humildade para aceitar que a Igreja não começa agora, nem conosco. A escuta do Espírito deve fazer-se interpretando a Palavra a partir da tradição viva da Igreja. Isto liberta-nos do imobilismo que confunde a vontade de Deus com as tradições humanas (que é a tentação dos fariseus, como vimos no Evangelho) e também das atitudes de rutura daqueles que se sentem salvadores da Igreja. A sinodalidade exige a humildade de aceitar que o Espírito edifica a Igreja servindo-se de todos os carismas que Ele mesmo suscita no Povo de Deus e que são expressão da sua riqueza inesgotável e que ninguém tem o remédio mágico para resolver todos os problemas. O Espírito impele-nos a viver o testemunho a partir da humildade.

c. Viver na Igreja exige superar a tentação do rigorismo e da rigidez que nos fecham à misericórdia. No Evangelho, diante da dureza do coração e do legalismo dos fariseus, que julgam os discípulos por terem arrancado algumas espigas de cereais num sábado, Jesus recorda-lhes duas coisas: primeiro, que o Evangelho, que é Ele mesmo, é maior do que o sábado, que é a essência da Lei. E, em segundo lugar, que a plenitude do Evangelho é a misericórdia. Na primeira leitura, descobrimos a razão profunda deste ensinamento de Jesus: o coração do Pai é um coração misericordioso. A oração de Ezequias comove o coração de Deus que, ao escutar as suas orações e ao ver as suas lágrimas, é capaz de mudar os seus planos. O coração do Pai é compassivo e misericordioso. não procura condenar, mas dar a vida e congratula-se por os seus filhos serem felizes; Ele não quer procurar razões para morrer, mas para mostrar o seu amor. A Igreja é mistério de



comunhão, porque é chamada a ser, nas palavras de um teólogo moderno, um «lugar de perdão», um espaço onde o perdão pode ser pedido com toda a confiança, porque se vive com a certeza de que é «de coração» que seremos perdoados.

As Equipas de Nossa Senhora têm a missão de dar um testemunho ao mundo: mostrar que, se vos abrires à graça de Deus, é possível tornar a vida das vossas famílias autênticas igrejas domésticas, nas quais se vive a comunhão no amor; fazer das vossas famílias lugares onde seja possível a escuta recíproca, porque escutamos a Palavra de Deus; mostrar que a presença e a companhia do Senhor no caminho da vossa vida familiar não é um obstáculo à comunhão entre vós, mas sim que a fortalece; mostrar que a Eucaristia é aquele pão no qual, nas palavras de Santo Agostinho, «nos é ensinado como devemos amar a unidade». Se viverdes assim, sereis a semente de uma Igreja que crê na comunhão e que a vive.

Maria, a Mãe da Igreja, que sempre nos acompanha com a sua presença silenciosa, mas sempre atenta às necessidades dos seus filhos, é fonte de evangelização e geradora de comunhão nas vossas famílias e na família dos filhos de Deus, que é a Igreja. Nas suas mãos colocamos o presente e o futuro da Igreja, de todas as famílias cristãs e das Equipas de Nossa Senhora espalhadas pelo mundo. Que ela faça com que aquilo que vivemos nestes dias dê frutos de vida cristã nas nossas igrejas.

† Enrique Benavent Vidal, arcebispo de Valência.

